



EDITORA



UnB

Análise de práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais de Ciências Agrárias

Reflexões sobre o Programa Residência Agrária

Volume II



N. Cham.: 37.018.523 P912co

Título: Práticas contra-hegemônicas na
formação dos profissionais das ciências



10455881

Ac. 1035245

v. 2 Ex.2 BCE

Organizadores

Mônica Castagna Molina
Fernando Michelotti
Rafael Litvin Villas Boas
Rita Fagundes

EDITORA



UnB

**Práticas contra-hegemônicas na
formação dos profissionais das
Ciências Agrárias
Volume II**

Reflexões sobre o Programa Residência Agrária

Organizadores

Mônica Castagna Molina

Fernando Michelotti

Rafael Litvin Vilas Boas

Rita Fagundes



Universidade de Brasília

Reitora Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora Germana Henriques Pereira

Conselho editorial Germana Henriques Pereira
Fernando César Lima Leite
Estevão Chaves de Rezende Martins
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Jorge Madeira Nogueira
Lourdes Maria Bandeira
Carlos José Souza de Alvarenga
Sérgio Antônio Andrade de Freitas
Verônica Moreira Amado
Rita de Cássia de Almeida Castro
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

P912 Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias: reflexões sobre o Programa Residência Agrária : volume II / Mônica Castagna Molina ... [et al.], [organização]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2017.
476 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-230-1208-3.

1. Educação do campo. 2. Ciências Agrárias. 3. Residência agrária. 4. Agroecologia. I. Molina, Mônica Castagna (org.).

CDU 63

Equipe editorial

Observatório da Educação do Campo
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)
Centro Transdisciplinar de Educação do Campo - CETEC

Coordenadora de produção editorial

Mônica Castagna Molina

Preparação e revisão

Sandra Fonteles

**Capa, projeto gráfico, tratamento
de imagens, produção gráfica,
vetorização de
figuras/gráficos/tabelas/quadros,
diagramação e arte final**

Alex Silva

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil.

Copyright © 2017 by Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Sumário

Prefácio	
Roseli Salete Caldart.....	06

Apresentação	
As Organizadoras e os Organizadores.....	17

BASES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA AGRÁRIA

Residência Agrária e projeto educativo dos camponeses	
Clarice Aparecida dos Santos.....	28

Agroecologia: uma contribuição camponesa à emancipação humana e à restauração revolucionária da relação metabólica sociedade-natureza	
José Maria Tardin e Dominique Michèle Perioto Guhur.....	44

EIXO 1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, TERRITÓRIOS CAMPONESES E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Educação do Campo e democracia: a experiência do Curso “Residência Agrária – Matrizes Produtivas da Vida no Campo” da Universidade de Brasília	
Beatriz Casado Baides, Geraldo José Gasparin, Luiz Henrique Gomes de Moura, Rafael Litvin Villas Bôas e Marco Antonio Ribeiro Baratto.....	102

Construção compartilhada de saberes: a experiência do NEEPA	
Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Andrea Machado Camurça e Lígia Alves Viana.....	128

Ressignificando resistências e apontando caminhos: IALA Amazônico e Residência Agrária	
Fernando Michelotti, Marcelo Bruno Ribeiro Barbosa e Elenara Ribeiro da Silva.....	146

Uma entrada pela fresta: reflexões sobre a Pós-Graduação Residência Agrária na Universidade Federal do Pará	
Sônia Barbosa Magalhães e Laura Angélica Ferreira.....	176

Estratégias pedagógicas na articulação entre teoria e prática no Programa de Pós-Graduação em Direitos Sociais do Campo – Residência Agrária (UFG/Regional Goiás)	
Erika Macedo Moreira, Ana Cláudia Diogo Tavares, Janaina Tude Sevá e Raniele Caroline de Sousa.....	192

EIXO 2 MATRIZES TECNOLÓGICAS

Processos históricos e inovações tecnológicas no semiárido brasileiro	
Jonas Duarte.....	218

Das sementes aos frutos: a experiência do Curso de Especialização em Extensão Rural Agroecológica e Desenvolvimento Rural Sustentável – Residência Agrária/UFC	
Ivana Leila Carvalho Fernandes, Diana Mendes Cajado, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo e Daniel Albiero.....	242

Arte, cultura e Educação do Campo no Centro de Ciências Agrárias: o confronto com o instituído	
Maria Inês Escobar da Costa.....	264

Residência Agrária - Sergipe: semeando a agroecologia e a soberania alimentar	
Rita Fagundes, Andhressa Araújo Fagundes e Amaury da Silva dos Santos.....	288

EIXO 3 AGROECOLOGIA, SAÚDE, FEMINISMO, SEMENTES E O PROCESSO DE GERAÇÃO DA VIDA

Mulheres camponesas e quintais: anúncio de esperança e (re)existência para a vida planetária	
Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Andrea Machado Camurça, Lígia Alves Viana e Karla Karolline de Jesus Abrantes.....	312

O protagonismo das mulheres no Residência Agrária da UnB: um despertar feminista	
Adriana Fernandes Souza e Charlotte Emanuele da Silva Sousa.....	332

Diálogo entre segurança alimentar, saúde e agroecologia: uma experiência de pesquisa e extensão do Curso de Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe (UFS)	
Andhressa Araújo Fagundes, Rita Fagundes, Tatiana Canuto Silva e Josefa Adriana Leal.....	348

EIXO 4 FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA, AGROECOLOGIA E RELAÇÃO CAMPO E CIDADE

Feiras da Reforma Agrária: uma ferramenta para a organização produtiva e para o fortalecimento da soberania alimentar	
Bárbara Loureiro Borges e Fábio Ramos Nunes.....	374

Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas/PA: produção e circulação de alimentos como temática de estudo no Residência Agrária	
Haroldo de Souza, Fernando Michelotti e Ayala Lindabeth Dias Ferreira.....	394

A construção de dados sobre a inserção dos agricultores assentados no PNAE	
Marcela Medeiros de Castro e Débora Franco Lerrer.....	410

As Feiras Nacionais do MST e a Reforma Agrária Popular	
Ana Manuela Chã, Carla Tatiane Guindani, Daniel Mancio e Andrea Matheus.....	428

Posfácio	
As Organizadoras e os Organizadores.....	447

A respeito das Organizadoras e Organizadores.....	463
--	------------

A respeito dos Autores.....	467
------------------------------------	------------

Prefácio

Roseli Salet Caldart

Não tivemos medo de organizar uma revolução. Não tenhamos medo do povo, não tenhamos medo de que se equivoque ao escolher seus representantes [...]. Queremos que o povo dirija o país e seja seu próprio dono... Sempre pensamos, nos velhos termos, que se nos esforçamos e trabalhamos dia e noite pela causa do povo, isto basta. Mas isto não é nada. Nosso trabalho consiste em ajudar realmente o povo a tomar seu destino em suas mãos.

N. K. Krupskaya, 1918

Fiz a leitura deste livro durante o mês de fevereiro de 2017. É o mês do aniversário de Nadezhda K. Krupskaya¹, pedagoga revolucionária que esteve à frente da construção do projeto educacional da revolução russa de 1917. Estamos no ano do centenário da revolução socialista e isso nos inspira a determinadas chaves de leitura.

Vivemos em uma sociedade subordinada aos movimentos da agenda permanente do capital: encontrar novas formas de exploração do trabalho e dos recursos naturais, e de concentração do poder econômico e político. A hegemonia do modo de vida que essa agenda determina é que indica a distância que ainda nos separa da consciência massiva sobre a necessidade de uma revolução socialista.

Todavia, o momento atual pode abrir um novo ciclo no desenvolvimento das contradições da forma social capitalista, dominante e hegemônica, porém em crise estrutural continuada. Em todo o mundo há um avanço devastador das desigualdades e injustiças sociais, de destruição da natureza e do ser humano, revelando a insanidade da lógica de pautar a vida pelas exigências mercantis. Ainda que se criem obstáculos cada vez mais ostensivos à construção de alternativas, especialmente quando tendem a processos coletivos de emancipação do trabalho, as contradições vão-se tornando mais explícitas e a luta de classes continua movendo a história. A questão da agricultura e da produção de alimentos integra esse quadro.

No Brasil, estamos em *estado de golpe*, instaurado pelo desespero dos empresários em aumentar seus lucros em um período de crise estrutural profunda do sistema capitalista no mundo, e temperado pelas características peculiares de atuação das classes dominantes daqui. Agem novamente sob o velho, emblemático e cínico slogan de “ordem e progresso”. O resultado é um retrocesso bárbaro no plano dos direitos sociais e humanos, e das políticas públicas duramente conquistadas pelos trabalhadores em anos recentes, como as abordadas por este livro. A velocidade do recuo das conquistas, e apenas republicanas, muito longe de pautas socialistas, realmente assusta,

¹Nadezhda Konstantinovna Krupskaya nasceu em 26 de fevereiro de 1869 em Petersburgo e faleceu em 27 de fevereiro de 1939 em Moscou, Rússia.

porém também projeta reações mais fortes. A vida colocada em perigo explícito explode na forma de conflitos abertos.

Neste contexto e a partir de nossos objetivos mais amplos, de classe e de humanidade, é preciso pensar sobre cada novo passo em todas as esferas da vida social degradadas pelo capitalismo e postas a nu pela conjuntura, visando ampliar as possibilidades contraditórias de lutas contra-hegemônicas que as crises carregam. O capital se reorganiza para mover as contradições que seu sistema gerou, de modo a encontrar saídas para a crise a seu favor, apresentando seus representantes, empresários e políticos como "salvadores da pátria" e sua lógica de solucionar problemas como a única possível. O nosso grande desafio é fortalecer a organização do outro polo, o do *trabalho*, e nos manter na direção do *longo prazo estratégico*², reabrindo a agenda de transformações sociais mais radicais.

Na esfera da intencionalidade formativa, o caminho que pode levar o povo a *tomar seu destino em suas mãos* passa pela pergunta: a consciência material da situação presente, e dos conflitos de classe que envolve, levará as pessoas a *ficar ao lado da causa da emancipação ou a se alinhar contra ela*?³ A resposta não é óbvia e as ações educativas, forma e conteúdo, podem fazer alguma diferença.

Esta obra trata de processos de educação de camponeses e camponesas no Brasil em um período ainda dominado e hegemônico pela agricultura industrial desenvolvida como parte da lógica de reprodução do capital, porém, talvez até mais do que em outras esferas, com fortes evidências de suas contradições internas e com expressivas formulações de contraponto. Os textos refletem, na forma de resultados de pesquisa, sobre práticas de formação dos profissionais das ciências agrárias desenvolvidas no âmbito da *Residência Agrária*, uma modalidade de curso de especialização que desde 2004 integra o *Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária* (Pronea). É uma iniciativa criada no âmbito das relações entre universidade

²MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 38.

³Parafraseando MÉSZÁROS, op. cit., p. 327.

des, movimentos sociais e governo federal, visando à construção de políticas públicas voltadas para o “fortalecimento da relação entre assistência técnica, Educação do Campo e desenvolvimento”⁴.

A perspectiva assumida na parceria das instituições com organizações de trabalhadores do campo é a de trabalhar pela territorialização da agricultura familiar/camponesa de base agroecológica e dos seus processos formativos correspondentes. Para isso, enfrenta as contradições e tensões próprias da relação com o Estado quando se busca disputar os interesses da classe trabalhadora ainda sob os horizontes políticos de uma forma social dominada pelo capital. Isso é algo vivenciado pela Residência Agrária, bem como pelo conjunto das ações do Pronera desde sua criação em 1998. Na conjuntura atual, diga-se de passagem, a “solução” das tensões tende a ser pela eliminação das próprias possibilidades de fazer essa disputa, o que as lutas do período buscam impedir.

O livro traz um conjunto rico de registros e análises sobre algumas práticas de formação superior de profissionais das ciências agrárias, desenvolvidas nesse cenário e a partir desse programa. É memória viva de processos educativos importantes e busca firmar elementos gerais de compreensão dos dois grandes eixos orientadores da constituição dos cursos de Residência Agrária: a *agroecologia* e a *assistência técnica*. A agroecologia é trabalhada como um dos pilares centrais para o avanço da agricultura camponesa, que é hoje a alternativa do polo do trabalho à agricultura industrial capitalista. Essa construção tem ressignificado a “assistência técnica” ou “extensão rural”, e nesse movimento que possivelmente a “rebatize”, crescem em importância as relações da produção com as questões da educação e da cultura, pensadas todas desde determinados referenciais teóricos e políticos.

Os textos nos remetem a duas dimensões de práticas formativas e seus respectivos sujeitos. Em sua maioria, descrevem conteúdo, método e dinâmica dos cursos de especialização desenvolvidos pelas universidades

⁴MICHELOTTI, F. Residência Agrária. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro/São Paulo: EPSJV/Expressão Popular, 2012, p. 679. Ver também na mesma obra: SANTOS, C. A. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, p. 629-637.

envolvidas no programa. Ao fazê-lo, trazem junto algumas práticas realizadas pelos estudantes desses cursos, práticas tão ricas e diversas como foi o perfil dos estudantes das turmas do período mais recente a que se referem. São práticas que expressam diferentes identidades coletivas e articulam diferentes esferas de prática social: produção agrícola, comercialização, criações tecnológicas, lutas e direitos sociais, arte, comunicação, questões de gênero, saúde, trabalho pedagógico nas escolas do campo... É uma diversidade que inspira reflexões importantes.

Desde o conjunto da obra, destaco algumas questões que, a meu ver, podem ao mesmo tempo compor uma chave de leitura de cada texto e indicar pontos para uma agenda de trabalho da Educação do Campo que considere o momento atual e o objetivo de contribuir para que *as comunidades camponesas tomem seu destino em suas mãos*.

Uma *primeira questão* se refere a lições do percurso de programas como o Pronera sobre a *configuração organizativa e de gestão de políticas ou de ações de formação dos trabalhadores*⁵. Entendo que uma das lições principais é a de que políticas ou programas de educação que buscam tensionar o Estado no interesse da emancipação dos trabalhadores, ainda que presas aos limites impostos pela ordem do capital que o domina, precisam/podem ser configuradas e geridas de modo a promover ou dar condições para uma atuação *autônoma* dos trabalhadores e suas organizações. As políticas públicas, se pensadas em uma perspectiva contra-hegemônica, não podem substituir a ação dos trabalhadores, mas sim dar suporte ao desenvolvimento histórico da "auto-educação cooperativamente administrada dos produtores livremente associados, inspirada por, e orientada para, a produção e satisfação de suas necessidades genuínas..."⁶.

Do ponto de vista dos trabalhadores, pois, um dos maiores acúmulos de programas/políticas públicas como o Pronera é seu desenho organizati-

⁵Uma síntese de reflexões conceituais a considerar nesta discussão pode ser encontrada em MOLINA, M. C. Políticas Públicas. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo, 2012, p. 585-594.

⁶MÉSZÁROS, op. cit., p. 48.

vo e modo de funcionamento que respeita e dá espaço aos seus diferentes sujeitos (coletivos) para que exerçam sua capacidade de condução do projeto educativo que ajudam a construir. Por isso, o acúmulo que o Pronera produziu até aqui não pode ser destruído por *golpes*, embora a desconfiguração da política seja uma ameaça permanente.

Em relação aos cursos de Residência Agrária, cabe um balanço sobre o que ficará dessa experiência (ou dos processos de ensino, pesquisa e extensão desencadeados a propósito deles) para as universidades, os movimentos sociais e para cada grupo de estudantes, que lhes permitirá continuar o processo formativo para além do programa. E a pergunta mais ampla para nossa agenda é: como desenvolver as relações orgânicas de gestão dos cursos e métodos de formação que ajudem a construir o protagonismo dos camponeses para que continuem seu processo educativo de outras formas, depois dos cursos ou de programas de ação correspondentes?

Uma *segunda questão*, que em alguma medida é um desdobramento da anterior, mas focando os próprios objetivos e a concepção dos cursos, refere-se a um debate ainda mais amplo sobre *qual a educação profissional própria para o desenvolvimento da agricultura camponesa e a agroecologia*. Há muitas dimensões dessa questão que precisam de nossa atenção na Educação do Campo, mas destaco aqui a necessidade de se pensar sobre a armadilha de buscar novos conteúdos sem mudar a lógica instituída da “assistência técnica”: tentar formar técnicos ou especialistas em agroecologia a que se subordinem novamente as famílias camponesas, repetindo a lógica capitalista do trabalho alienado e do controle externo dos processos de produção. É muito importante discutir mais sobre essa questão porque ela afeta o próprio conteúdo das lutas por políticas públicas que temos pela frente⁷.

Formar “especialistas em agroecologia” que pensem os processos produtivos a partir de fora trai a própria perspectiva epistemológica da

⁷Há um debate importante sobre essa questão, na relação com os cursos do Pronera, na tese de doutorado de Clarice Aparecida dos Santos, “Pronera, educação técnico-profissional e Reforma Agrária Popular: um estudo na perspectiva do projeto formativo vinculado aos processos produtivos dos camponeses” (Faculdade de Educação da UERJ, 2016).

agroecologia e facilita a cooptação de aspectos de sua matriz tecnológica pelo capital, que pode (já faz) alocar técnicos com essa formação para seus empreendimentos do "agronegócio verde". Trabalhar para a transformação radical da indústria da agricultura implica formar massivamente os trabalhadores e as trabalhadoras do campo como camponeses apropriados dos conhecimentos sobre o modo de fazer agricultura que ajudem a construir a ciência que o expressa e fundamenta.

Contudo, como resolver essa questão nos poucos cursos que temos conseguido realizar com alguma perspectiva de ruptura com o sistema dominante de educação profissional em agricultura ou de formação dos profissionais das ciências agrárias? Um dos fios puxados por textos deste livro sobre essa questão é o de formar o técnico ou o especialista da área também como um educador, amplo senso. *Extensão ou comunicação?* – já nos indagou Paulo Freire há um bocado de tempo!⁸ Um "pedagogo da produção" preparado para atuar fazendo as mediações que a realidade atual exige, mas com o objetivo consciente de que seu trabalho seja (dialeticamente) superado sem, portanto, criar dependência das famílias camponesas em relação a ele. Porém, essa perspectiva de atuação não é algo que se consiga sem uma forte intencionalidade dos processos formativos nessa direção, mesmo quando os cursos tenham como estudantes os próprios camponeses. Torna-se ainda mais difícil se os profissionais não se colocam o horizonte de ser/trabalhar como camponeses. Não podemos ignorar a força ideológica da tradição cultural estabelecida pela forma social capitalista de uma relação hierárquica e socialmente desigual entre técnicos e camponeses, que reforça a cisão entre trabalho manual e intelectual, entre teoria e prática.

Uma *terceira questão*, pensada na relação com as anteriores e que emerge forte dos textos deste livro, diz respeito à *concepção de conhecimento* que orienta/deve orientar as iniciativas de educação dos camponeses em geral, e a formação dos profissionais das ciências agrárias em particular, considerando os objetivos formativos e sociais que temos. Uma das riquezas (teóricas

⁸FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 11. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2001 (publicado pela primeira vez no Chile em 1969).

e políticas) da Residência Agrária, expressa nos textos que compõem este livro, é a de juntar discussões e práticas que costumam aparecer separadas – ou nem aparecem. Várias especializações em Residência Agrária buscaram tratar, no seu próprio desenho curricular, de relações fundamentais para os objetivos formativos que temos: relações entre agroecologia e questão agrária, entre luta pela terra e pela Reforma Agrária, modo de fazer agricultura e camponeses, e entre questão agrária, agroecologia, cultura e educação.

Aprofundar a análise sobre como foram trabalhadas nos cursos estas relações (conteúdo e método) pode nos ajudar a avançar na intencionalidade formativa para apropriação de um determinado modo de produção do conhecimento. Aprender, a partir da materialidade da vida real, as relações entre os fenômenos e suas dimensões que ajudam a compor e que determinam seu movimento é aspecto essencial de uma visão materialista e histórico-dialética do conhecimento. Tal visão está na base de constituição epistemológica da agroecologia camponesa, por sua vez fundamental para transformação da lógica ou do modo de pensar e fazer a “assistência técnica”.

Há uma *matriz epistemológica e formativa* que se compõe nos cursos pela introdução de raciocínios metodológicos que permitem *compreender relações*. No caso da Residência Agrária, o objeto articulador é a própria Reforma Agrária como luta social, como prática produtiva e como formulação política. No projeto de Reforma Agrária Popular dos movimentos sociais camponeses, a luta pela terra se junta com a afirmação da agricultura camponesa e da soberania alimentar, que por sua vez se juntam com a agroecologia e o trabalho camponês associado. A totalidade implica na luta mais radical pela superação das relações sociais de exploração do ser humano e da natureza, e dos processos de alienação do ser humano a que essas relações historicamente correspondem.

No plano do conhecimento, trata-se de buscar ao mesmo tempo compreender a agroecologia em si mesma (o que quer dizer nas suas relações internas de constituição) e como um produto contraditório da realidade agrária desenhada pelo capitalismo. Compreender que a concepção de agricultura na relação de interação entre ser humano e natureza, própria da

agroecologia, traz novas dimensões ao debate da questão agrária e sobre o lugar social dos camponeses. Trata-se de aprender como esses processos determinam e ao mesmo tempo são movidos por visões de mundo e por modos culturais de reprodução da vida cotidiana, e como a educação participa desses processos, como é materialmente condicionada por eles e ao mesmo tempo pode ajudar a transformá-los. Formar nas novas gerações a consciência sobre a necessidade de superar hábitos cotidianos consumistas, individualistas e imediatistas típicos do modo de vida capitalista é um trabalho cultural e educativo necessário ao avanço da agroecologia, como é para a luta pelo socialismo. É sempre bom ter presente como a barbárie capitalista tem entrado com força na esfera da cultura.

A mesma questão se refere às relações entre as diferentes formas de conhecimento e os diferentes lugares e sujeitos da produção do conhecimento. Relações que precisam ser pensadas de modo a não absolutizar, mas tampouco relativizar a importância do conhecimento científico na construção de uma alternativa hegemônica à agricultura industrial capitalista. A partir desse objetivo social mais amplo, trata-se de superar (dialeticamente) o modo capitalista de fazer ciência (como da agricultura, da indústria fabril, da educação, da cultura) e não apenas de convivência ou de respeito aos conhecimentos tradicionais camponeses, mas deixar intactas as relações sociais de produção científica. Precisamos de uma ciência que se vincule aos desafios de construção de uma *república do trabalho*. Em nossa agenda, afinal, cabe incluir o debate sobre qual é o sentido mais radical (materialista e histórico-dialético) do *diálogo de saberes* que constitui o corpo de conhecimentos da agroecologia e que precisa ser potencializado pelas organizações camponesas a favor do seu objetivo de *tomar seu destino em suas mãos*.

E uma *quarta questão* pode ser formulada a partir das reflexões que o livro traz sobre conteúdo e forma dos estudos de agroecologia na educação escolar. O livro trata de cursos de educação superior, mas algumas práticas de Residência Agrária foram realizadas em escolas do campo e por isso nos parece pertinente reafirmar aqui um desafio que está na agenda atual de movimentos sociais camponeses, que é o de *inserir a agroecologia no currí-*

culo da educação básica. Deve-se fazê-lo não com o objetivo de antecipar a formação técnica da juventude para o trabalho na agricultura, mas, ao contrário, para ampliar seu horizonte formativo na direção da desalienação do ser humano, que inclui compreender as contradições e novas possibilidades que existem em torno da atividade vital de produzir e consumir alimentos. Por isso, esta questão passa a compor a agenda de trabalho da Educação do Campo e em alguma medida nos ajuda também no debate geral sobre a formação das novas gerações de camponeses para que possam assumir o comando coletivo dos processos produtivos.

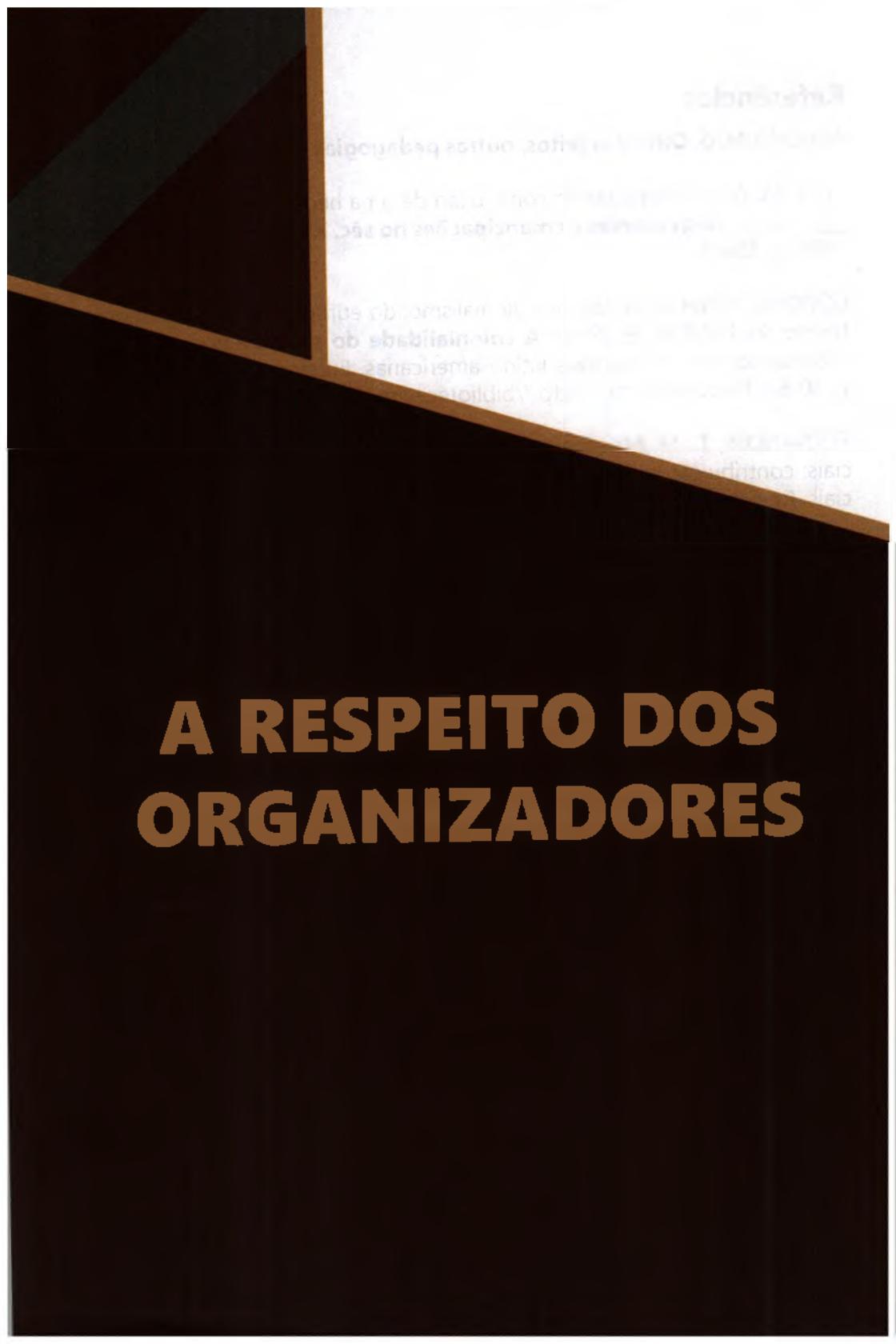
A atuação social e política dos estudantes (da educação básica ou da educação superior), que juntam no seu caminho formativo uma concepção dialética de conhecimento e o exercício real de auto-organização para as lutas e o trabalho coletivo, pode ser uma “medida” importante da justiça de nosso trabalho até aqui.

Este livro nos provoca a pensar sobre essas questões. Sua leitura só pode nos fazer bem.

Porto Alegre, março de 2017.

Roseli Salete Caldart

Setor de Educação do MST



A RESPEITO DOS ORGANIZADORES

Mônica Castagna Molina:

É graduada em Ciências Jurídicas e Sociais (1989) pela PUC/Campinas, especialista em Políticas Públicas e Governo (1997) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mestre em Sociologia Rural (1998) pela Unicamp, doutora em Desenvolvimento Sustentável (2003) pela Universidade de Brasília e tem Pós-doutorado em Educação (2013) pela Unicamp. É professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB), da Licenciatura em Educação do Campo, no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e do Programa de Pós-Graduação em Educação, onde coordena a Linha de Pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo desde 2013. É coordenadora da pesquisa "Análise de práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais da Educação e das Ciências Agrárias nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte" pelo Observatório da Educação da Capes (2013-2017). Coordenou o Pronera e o Programa Residência Agrária. Participou da I Pesquisa Nacional da Reforma Agrária, em 2003-2004 (I PNERA) e Coordenou a II Pesquisa Nacional da Reforma Agrária (II PNERA), financiada pelo IPEA, em 2013-2015. Coordenou a Pesquisa Capes/CUBA, no período de 2010-2014. Coordenou a pesquisa "A Educação Superior no Brasil (2000-2006) - Uma Análise Interdisciplinar das Políticas para o Desenvolvimento do Campo Brasileiro", financiada pelo Observatório de Educação da Capes. Integra a pesquisa "Formação Docente e a Expansão do Ensino Superior", na coordenação do Sub 07: Educação Superior do Campo, pelo Projeto Observatório da Educação do Campo da Capes. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Sociologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação do Campo, Formação de Educadores, Políticas Públicas, Reforma Agrária, Desenvolvimento Sustentável.

Fernando Michelotti:

É graduado em Engenharia Agrônoma (1993) pela Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), mestre em Planejamento do Desenvolvimento (2001) pela Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA) e doutorando em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). É Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), vinculado ao Instituto de Estudos do Desenvolvimento Agrário e Regional. Coordenou o curso de especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia/Residência Agrária, em parceria com o IALA - Via Campesina.

Rafael Litvin Villas Boas:

Graduado em Jornalismo (2001), mestre em Comunicação Social (2004) e doutor em Literatura (2009) pela Universidade de Brasília. Tem pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (2017). Integra os Programas de Pós-Graduação, mestrado Profissional em Artes (Profartes/UnB) e Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe. Coordena os grupos de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais, e Terra em Cena: teatro e audiovisual na Educação do Campo. É coordenador de Extensão da Faculdade UnB Planaltina (FUP) e da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estética e Política, Cultura, Identidade e Território, e as interfaces entre questão agrária e questão racial no Brasil.

Rita de Cássia Fagundes:

É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), em Direito pela Universidade Paranaense (2004) e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2010). Foi coordenadora pedagógica do curso de Pós-Graduação em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe e é integrante do Núcleo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA-UFS), da Rede Sergipana de Agroecologia (Resea) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (Renda/CNPq). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

ALBERTO DOS
AUTORES



**A RESPEITO DOS
AUTORES**

Adriana Fernandes Souza: Licenciada em Educação do Campo e especialista em Residência Agrária pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalha com educação popular e teatro político, com a questão negra e da violência contra a mulher. Atualmente é educadora de jovens e adultos no Programa Pro-jovem Campo Saberes da Terra e é integrante da equipe de coordenação política pedagógica do Residência Agrária Jovem - Universidade de Brasília/CNPq. É mestranda da Faculdade de Educação da UnB.

Amaury da Silva Santos: É graduado em Agronomia (1992) e mestre em Fitotecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1995), e doutor em Produção Vegetal pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2000). Atualmente é pesquisador da Embrapa e coordenador do Núcleo de Agroecologia da Embrapa Tabuleiros Costeiros e integrante da Rede Sergipana de Agroecologia (Resea). Desenvolve atividades com sementes crioulas no estado da Paraíba, conhecidas por Sementes da Paixão. Desenvolve também pesquisas participativas em comunidades e assentamentos de Reforma Agrária, tendo como perspectiva a construção do conhecimento agroecológico por meio da sistematização de experiências agroecológicas e de seu intercâmbio entre agricultores e técnicos.

Ana Cláudia Diogo Tavares: Possui graduação em Direito e mestrado em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF), além de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Foi colaboradora no Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Direitos Sociais do Campo, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é Professora Adjunta do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH) e professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPDH/UFRJ).

Ana Manuela Chã: É graduada em Psicologia pela Universidade de Lisboa e mestra em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (Unesp). Faz parte da coordenação do Coletivo de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tem experiência na área de psicologia social, cultura e comunicação com ênfase em audiovisual e movimentos sociais.

Andhressa Araújo Fagundes: É doutora em Nutrição Humana pela Universidade de Brasília - UnB (2013), mestra em Ciências da Saúde - UnB (2006) e graduada em Nutrição (2002). É especialista em Gestão de Políticas Públicas de Alimentação e Nutrição, e em Vigilância Alimentar e Nutricional para a População Indígena, pela Fundação Oswaldo Cruz. Atua nas linhas de pesquisa: Nutrição na Atenção Primária à Saúde, Segurança Alimentar e Nutricional, e Educação Alimentar e Nutricional; Pesquisa Qualitativa em Saúde; Políticas e Programas de Alimentação e Nutrição. Atualmente é professora

do Departamento de Nutrição e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Nutrição da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e Coordenadora adjunta do Observatório de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de Sergipe (OSANES).

Andrea C. Matheus: Engenheira Agrônoma e mestra em Agricultura Orgânica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua no Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST.

Andrea Machado Camurça: É graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Segurança Alimentar e Nutricional pela Universidade Estadual do Ceará (UECe) e mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC). Foi Secretária Executiva da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA) e desde 2005 é pesquisadora do Programa Residência Agrária (PRA). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade de Brasília, docente da Licenciatura em Educação do Campo e integra o Programa de Pós-Graduação em Educação e o Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, da Universidade de Brasília.

Ayala Lindabeth Dias Ferreira: Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2005) e especialização em Residência Agrária/Proneira pela UFPA/Campus de Marabá (2012). Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), compõe a equipe pedagógica do Instituto de Agroecologia Latino-Americano Amazônico (IALA Amazônico). Atuando nesses espaços, acumulou experiência na educação popular e em sistemas produtivos no bioma amazônico (bioconstruções, criação de pequenos animais, produção de mudas nativas na Amazônia e apicultura).

Bárbara Loureiro Borges: É graduada em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília (UnB). Foi aluna do Curso de Especialização em Residência Agrária também da UnB. Possui formação e cursos na área de Agroecologia e Questão Agrária, e experiência em Extensão Rural, atuando em assentamentos e acampamentos de Reforma Agrária. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (UnB).

Beatriz Casado Baidés: Possui graduação em Antropologia Social y Cultural - Universidad Miguel Hernández (2007) e mestrado universitário em Desarrollo y Cooperación Internacional pelo Instituto HEGOA - Universidad del País Vasco (UPV-EHU) (2008). Foi Integrante da equipe de coordenação do curso de especialização em Residência Agrária da Universidade de Brasília (Proneira/CNPq/FUP) e atualmente é doutoranda do Programa de Doctorado en Estudios sobre Desarrollo do Instituto HEGOA - Universidad del País Vasco (UPV-EHU).

Carla Tatiane Guindani: Possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestrado em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Charlotte Emanuele da Silva Sousa: Possui graduação em Agroecologia pelo Instituto Federal de Brasília (2013) e Pós-Graduação *Lato Sensu* em Residência Agrária com ênfase em Agroecologia pela Faculdade UnB Planaltina (2015). Linhas de pesquisa: gênero, raça, educação, teatro do oprimido.

Clarice Aparecida dos Santos: Graduada em Pedagogia pela Universidade de Ijuí/RS, mestra em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e, entre 2007 e 2015, foi Coordenadora-Geral de Educação do Campo e Cidadania, e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). É professora da Universidade de Brasília.

Daniel Albiero: Possui graduação em Engenharia Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp (2001) e em Física pela Unicamp (1996), mestrado (2005) e doutorado (2009) em Engenharia Agrícola também pela Unicamp. Atualmente é bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq e Professor Adjunto de Máquinas e Energia na Agricultura da Universidade Federal do Ceará (UFC), Coordenador do Gemasa (Grupo de Pesquisas em Energia e Máquinas para a Agricultura do Semiárido) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola da UFC (PPGEA-UFC).

Daniel Mancio: É professor do Departamento de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem graduação em Agronomia (2002) e mestrado em Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa (2008), além de especialização em Economia e Desenvolvimento Agrário (2010) e doutorado em Produção Vegetal pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atua no curso de Educação do Campo, ministrando aulas de Questão Agrária, Agroecologia e Desenvolvimento Rural, e atua em projetos nas áreas de organização das áreas de Reforma Agrária e no desenvolvimento da agroecologia em assentamentos.

Débora Franco Lerrer: Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ) e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi coordenadora do Curso de Especializa-

ção em Residência Agrária da UFRRJ, onde atualmente é Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). Desenvolve pesquisas em torno dos seguintes temas: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, questão agrária, agronegócio, mediações jornalísticas e educação superior no campo.

Diana Mendes Cajado: Possui graduação em Engenharia de Pesca (2010) e mestrado em Economia Rural (2013) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorado em andamento no Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC). É pesquisadora voluntária do Programa Residência Agrária. Tem experiência docente em graduação e pós-graduação nas áreas: economia e áreas afins, estágio supervisionado, orientação de trabalhos de conclusão de curso, metodologia do trabalho científico, gestão ambiental e áreas afins, além da experiência em projetos de extensão com ênfase em extensão rural.

Dominique Michèle Perieto Guhur: É graduada em Agronomia e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Trabalha com movimentos sociais desde 1999 nas áreas de agroecologia, educação popular, Educação do Campo, metodologia de pesquisa e economia política. Atualmente é integrante do Coletivo de Acompanhamento Político-Pedagógico da Escola Milton Santos, do Centro de Formação em Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Paraná.

Elenara Ribeiro da Silva: Tem graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Campinas (Unicamp). Tem experiência em elaboração, execução e acompanhamento de projetos relacionados à Formação, Pesquisa-Ação-Desenvolvimento, Educação Ambiental e Extensão Rural.

Erika Macedo Moreira: Graduada em Direito e mestra em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), coordenadora do Observatório Fundiário Goiano (Ofungo) e do Curso de Direito para beneficiários da Reforma Agrária e agricultores familiares (UFG/ INCRA-Pronera).

Fábio Ramos Nunes: Graduado em Administração pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Foi aluno do Curso de Especialização em Residência Agrária e atualmente é aluno do mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, ambos pela Universidade de Brasília (UnB).

Fernando Michelotti: É graduado em Engenharia Agrônoma (1993) pela Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), mestre em Planejamento do Desenvolvimento Rural (2001) pela Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA) e

doutorando em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). É Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), vinculado ao Instituto de Estudos do Desenvolvimento Agrário e Regional. Coordenou o curso de especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia/Residência Agrária, em parceria com o IALA - Via Campesina.

Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo: É Professora Associada da Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. É professora/orientadora no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC) e no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da UFC. Coordenou o curso de especialização em Residência Agrária na Universidade Federal do Ceará e é membro da Comissão Pedagógica Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea).

Geraldo José Gasparin: É graduado em Filosofia e mestre em Desenvolvimento Territorial para a América Latina e Caribe do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI). Foi coordenador-geral da Escola Nacional Florestan Fernandes no período de 2006 a 2011.

Haroldo de Souza: Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (2000), mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (2010). É professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ).

Ivana Leila Carvalho Fernandes: É graduada em Pedagogia (2015) e Economia Doméstica (2005), especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo (2007) e mestra em Avaliação de Políticas Públicas (2013). Tem experiência na área de Desenvolvimento Rural, com ênfase em Políticas Públicas, Educação do Campo, Movimentos Sociais, Extensão Rural, Agroecologia e Relações de Gênero e Família. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará (Prodema/UFC).

Janaina Tude Sevá: É bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tem mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Atualmente é professora do Curso de Direito da Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora colaboradora do Observatório Fundiário Goiano (Ofungo/UFG).

José Jonas Duarte da Costa: Tem graduação em História e mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal da Paraíba, e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). É Professor Associado III do Departamento de História da UFPB e membro da Comissão Pedagógica Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). Coordenou o Programa de Residência Agrária - Processos Históricos e Inovações Tecnológicas no Semiárido, mediante parceria UFPB/Insa.

José Maria Tardin: Foi coordenador da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA) e assessor pedagógico em cursos de Agroecologia em vários países da América Latina. Atua na formação em Agroecologia em escolas técnicas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, assessorando cursos de Especialização em Agroecologia em parceria com universidades e institutos de pesquisa.

Josefa Adriana Leal dos Santos: É graduada em Medicina (ELAN), tem Especialização em Residência Agrária pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e é integrante do Setor de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Atualmente é servidora pública, exercendo a função de médica do Programa Saúde da Família em Simão Dias/SE.

Karla Karolline de Jesus Abrantes: Possui graduação em Economia Doméstica (2012) e mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará (2015). Foi bolsista do Residência Agrária e têm publicações e estudos nas áreas de Economia Doméstica com enfoque nos temas de assentamentos rurais, segurança alimentar e nutricional, relações de gênero, mulheres rurais e agroecologia. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC).

Laura Angélica Ferreira: Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa/MG (1993), mestrado em DEA ETES: Environnement, Temps, Espace et Société - Université D'Orléans (1994) e doutorado em Développement Rural et Système d'Élevage - Institut National Agronomique Paris-Grignon (2001). Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal do Pará.

Lígia Alves Viana: É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECe) e mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (Prodema/UFC). Atualmente é integrante do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia (NEEPA), vinculado ao Programa Residência Agrária e Núcleo Tramas - Trabalho, Meio Ambiente e Saúde, ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Luiz Henrique Gomes de Moura: É Engenheiro Florestal formado na Universidade de Brasília (UnB), especialista em Agroecologia e mestre em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade

Federal de Goiás (UFG). Militante pela Reforma Agrária, tem realizado estudos e pesquisas nas áreas de agroecologia, soberania alimentar, questão agrária, questão ambiental e novas dinâmicas da acumulação capitalista. Integra o grupo de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais (UnB) e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Agrária e Dinâmicas Territoriais (UFG).

Marcela Medeiros de Castro: Tem graduação em Educação do Campo e especialização em Residência Agrária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É integrante da Federação de Trabalhadores da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro e uma das Coordenadoras do Assentamento Celso Daniel - Macaé/RJ.

Marcelo Bruno Ribeiro Barbosa: Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), atuou no fortalecimento e na consolidação do Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia e Educação do Campo (Naec) e do Instituto de Agroecologia Latino-Americano Amazônico (IALA Amazônico). Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

Marco Antonio Ribeiro Baratto: Tem graduação em Pedagogia, mestrado em Educação Ambiental e Educação do Campo e doutorado em Política Social pela Universidade de Brasília (UnB). Participou da equipe pedagógica do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Residência Agrária (UnB/CNPq/Pronera) e da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).

Maria Inês Escobar da Costa: É professora da Universidade Federal do Cariri/UFCa, possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa - UFV/MG (2002) e mestrado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília - CDS/UnB (2006). Atualmente é doutoranda na Universidade de São Paulo - FEUSP/USP. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Extensão Rural, Agroecologia e Educação do Campo, atuando principalmente nos seguintes temas: assentamentos rurais, Educação do Campo, meio ambiente e cultura. Atualmente é coordenadora da Especialização em Cultura Popular, Arte e Educação do Campo - Residência Agrária.

Rafael Litvin Villas Bôas: Graduado em Jornalismo (2001), mestre em Comunicação Social (2004) e doutor em Literatura (2009) pela Universidade de Brasília. Tem pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (2017). Integra os Programas de Pós-Graduação, mestrado Profissional em Artes (Profartes/UnB) e Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe. Coordena os grupos de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais, e Terra em Cena: teatro e audiovisual na Educação do Campo. É coordenador de Extensão da

Faculdade UnB Planaltina (FUP) e da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estética e Política, Cultura, Identidade e Território, e as interfaces entre questão agrária e questão racial no Brasil.

Ranielle Caroline de Sousa: Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrado em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é Professora Substituta da Universidade Federal de Goiás, advogada do Cerrado Assessoria Jurídica Popular e coordenadora do curso de Direito da Faculdade de Inhumas/GO.

Rita Fagundes: É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), em Direito pela Universidade Paranaense (2004) e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2010). Foi coordenadora pedagógica do curso de Pós-Graduação em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe e é integrante do Núcleo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA-UFS), da Rede Sergipana de Agroecologia (Re-sea) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (Renda/CNPq). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

Roseli Salette Caldart: É graduada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integra o Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e atualmente é assessora pedagógica do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra), além de coordenar o curso de Licenciatura em Educação do Campo, parceria Iterra-UnB-MEC.

Sônia Barbosa Magalhães: Possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em Sociologia pela Université Paris 13. Atualmente é professora da Universidade Federal do Pará, vinculada ao Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural.

Tatiana Canuto Silva: É nutricionista graduada pela Universidade Federal de Sergipe (2016). Participou das ações de Extensão do Eixo de Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional do curso de Especialização em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é mestranda em Ciências da Nutrição pela Universidade Federal de Sergipe (2017-2019) e pós-graduanda (nível de Especialização) em Segurança Alimentar e Nutricional pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2016-2017).

ISBN 978-85-230-1208-3



9 788523 012083



UnB | CTEC

